

Célia Regina dos Santos Lopes

## **Correlações histórico-sociais e lingüístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil - séculos XVIII e XIX**

*A história das formas de tratamento no século XIX consiste principalmente na história desta invasão, que aliás já tinha começado na segunda metade do século anterior. Seria necessário estudar e delimitar cuidadosamente as várias fases que nela se podem distinguir, acima de tudo pelo interesse sociológico da matéria. Trata-se de uma questão de limites de emprego e de datas a indicar para as modificações desses limites*

(Cintra 1982: 38-39 – grifo nosso)

### **1. Introdução**

A inserção de *você* no quadro de pronomes em português, similarmente ao que ocorreu no espanhol com *usted*, causou nas duas línguas a coexistência de vários sistemas de tratamento com variações geográficas, sociolingüísticas e, até mesmo, determinações pragmáticas se considerarmos a atuação das relações sociais nas escolhas de certas estratégias nominais e pronominais de tratamento. Na hispanoamérica, encontram-se hoje ao menos quatro subsistemas pronominais com uma complexa diferenciação entre os países (Fontanella de Weinberg 1999 e Carricaburo 1997). Para o português do Brasil, ainda não há um completo mapeamento descritivo da atual situação do quadro de pronomes e das repercussões gramaticais ocasionadas pela inserção das formas *você* e *a gente* e pelo desuso de *vós*. Levando-se em consideração apenas a variação entre *você* e *tu*, alguns estudos demonstraram, com base em peças teatrais e cartas pessoais, (Duarte 1993, Lopes/Duarte 2003, Rumeu 2004) que o uso majoritário de *tu* – forma recorrente no século XIX – só será suplantado por *você* por volta dos anos 20-30 do século XX. No último quartel do século XX, no entanto, Silva (2000, 2003) mostra um retorno do pronome *tu* à fala carioca sem a marca flexional de segunda pessoa. Segundo Menon (1997) e Menon/Loregian-Penkall

(2002), pesquisas realizadas nas três capitais do sul indicam a ausência de *tu* em Curitiba, sua concorrência com *você* em Florianópolis e Porto Alegre, com uma interessante particularidade: em Florianópolis, *tu* é menos freqüente que *você*, mas tende a aparecer mais com a flexão verbal marcada, enquanto em Porto Alegre, *tu* é mais freqüente, embora a flexão verbal seja mais rara. Monteiro (1997) chama a atenção para o fato de que em Fortaleza (nordeste) o uso de *tu* é semelhante ao de Porto Alegre, sem a marca de concordância, independentemente da classe social ou do nível de escolaridade. É possível que a quase ausência de *tu* nas entrevistas do Projeto NURC (Norma Urbana Oral Culta) se deva ao estilo próprio das entrevistas, como apontou Silva (2003).

O certo é que, além da referência definida, o uso de *você* (e também de *tu*) se expandiu para os contextos de referência indeterminada e já aparece em construções existenciais, com um possível valor expletivo (Duarte 1995, 1999, 2003; Avelar 2003). No plural, pode-se dizer que *vocês* acabou por substituir o pronome *vós*.

Existem ainda outras consequências determinadas pela inserção dessas novas formas. O emprego de *você* na interlocução acarretou um rearranjo no quadro de pronomes (Faraco 1996, Menon 1995) com a fusão do paradigma de 2ª com o de 3ª pessoa do singular e com a eliminação do paradigma de 2ª pessoa do plural. Novas possibilidades combinatórias tornaram-se usuais: *você* com *te~lhe~você*, *teu/tua~seu/sua*, etc e *vocês* com *lhes~vocês*, *seus~teus*, *de vocês* etc.

## **2. Objetivos do trabalho, amostra utilizada e alguns pressupostos teóricos**

Neste trabalho, assumindo as sugestões de Cintra (1972: 38-39), quer-se “delimitar cuidadosamente as várias fases” da invasão de novas formas de tratamento, “acima de tudo pelo interesse sociológico da matéria” e buscar os “limites de emprego e de datas a indicar para as modificações desses limites”. Para atingir tal objetivo, parte-se dos resultados de estudos realizados a partir da análise de peças teatrais, que nos serviram como hipóteses norteadoras. Pretende-se evidenciar, com base em uma amostra criteriosamente controlada em termos das variáveis sociolingüísticas, os fluxos e contrafluxos do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas que acaba por se estabelecer em

português, delimitando, por fim, a atuação das relações sociais nas escolhas de certas estratégias nominais e pronominais de tratamento. Pretende-se discutir inclusive se as oscilações de frequência de uso da forma vulgar *você* e de outras estratégias de tratamento representariam uma mudança diacrônica ou apenas espelhariam as condições pragmáticas peculiares ao gênero ou ao tipo de texto analisado.

Para discutir o tipo de relação social – simétrica ou assimétrica – estabelecida entre os personagens do teatro e entre o remetente-destinatário nas cartas, levou-se em conta a clássica dicotomia entre “poder e solidariedade” proposta inicialmente por Brown & Gilman (1960). Seguindo tal perspectiva, pode-se dizer que o parâmetro do *poder* refere-se ao controle que umas pessoas exercem sobre outras em uma determinada situação interativa. Esse controle do comportamento de um sobre o outro desemboca numa assimetria no tratamento. A relação de *poder* entre duas pessoas não é recíproca, pois ambos não têm poder na mesma área de comportamento e a consequência disso é a eleição de certas formas de tratamento diferentes em função da hierarquia que se estabelece entre os interlocutores numa situação comunicativa.

Segundo Brown & Gilman (1960), a oposição  $T(u)/V(ous)$ <sup>1</sup> começou como diferença entre singular e plural. Na Idade Média o uso de *V* se estendeu, saindo da esfera do Imperador para outros níveis hierárquicos, embora continuasse indicando respeito mútuo e polidez. As classes altas usavam *V* mútuo e as classes baixas o *T* mútuo. Nas relações entre as classes, havia uma assimetria que simbolizava poder: a classe alta para se dirigir à baixa usava *T* e a classe baixa para se dirigir à alta usava *V*. Tal assimetria se estendeu a outras relações: patrão-empregado, Deus-anjos, pais-filhos, velhos-jovens, etc. (Wardhaugh 1998:256). O uso simétrico de *V* estabelecia, pois, polidez.

O segundo parâmetro, o da *Solidariedade*, estabelece forças iguais, o mesmo nível na hierarquia social, a igualdade entre as pessoas. Nesse tipo de relação, em geral, se outorga o uso mútuo e simétrico do *T*, recíproco ou igualitário, que configura intimidade (sentimento de solidariedade entre os participantes da situação comunicativa). Wardhaugh (1998: 255-279) descreve os usos das formas de tratamento em diver-

---

1 A oposição em geral apresentada é estabelecida entre o **TU** [+ familiar] e **VOUS** [+polido] ou **T/V**, utilizando o francês como padrão, embora em outras línguas exista o mesmo tipo de tratamento, com estratégias diferenciadas.

sas línguas. Para o autor a evolução desse esquema conceptual *T/V* se dá do assimétrico *T/V*, para o polido *V/V* e finalmente para o mútuo *T/T*, por conta da importância da solidariedade nas sociedades em geral. Em síntese, o autor conclui que a força (o *poder*) determina o uso *T/V* e que a mudança para o simétrico *T/T* solidário é recente, com variações locais<sup>2</sup>.

Estabeleceram-se, a partir desses pressupostos, alguns níveis hierárquicos nas relações pessoais estabelecidas que podem ser assim sumarizadas: 1) assimétrica descendente: de superior para inferior (patrão-empregado, pai-filho, etc.); 2) assimétrica ascendente: de inferior para superior (criada-patroa, filho-pai, etc.) e 3) simétrica: entre membros de um mesmo grupo social.

O *corpus* analisado reúne dois conjuntos homogêneos de cartas não-oficiais. O primeiro deles refere-se às cartas do Marquês do Lavradio, português, Vice-Rei do Brasil em fins do século XVIII, que escreveu do Rio de Janeiro a diferentes remetentes e o segundo constituiu-se de cartas cariocas escritas por dois brasileiros – um homem e uma mulher idosos – em fins do século XIX, para seus netos.

### 3. Para a descrição das formas de tratamento: o problema das fontes sincrônicas e diacrônicas

Mesmo com todos os *corpora* orais disponíveis e criteriosamente organizados pelos Projetos reconhecidos nacionalmente, a identificação eficaz das estratégias lingüísticas interlocutivas usuais no português do Brasil esbarra com dificuldades de vários tipos. Constituídos basicamente por entrevistas, as estratégias de referência ao ouvinte são candidatas usuais nas perguntas feitas pelos eventuais documentadores e não na fala de um informante. Quando muito, encontram-se ocorrências de um *você* indeterminado. Uma alternativa seria a realização de gravações secretas entre duas pessoas em uma conversa informal. Nesse tipo de situação, entretanto, torna-se difícil o controle das variáveis sociolingüísticas, tais como idade, classe social, nível de escolari-

---

2 Na maior parte dos casos, o simétrico *T/T* ocorre quando as classes baixas ou as classes altas querem parecer democráticas, como ocorreu, por exemplo, na sociedade francesa a partir da Revolução. Na realidade, as sociedades têm diferentes maneiras de utilizar a distinção entre *T/V* e nem sempre a evolução é para solidariedade, pois a força também faz parte da estrutura social moderna.

dade, etc. Se as entrevistas gravadas nos últimos 30 anos não nos permitem, como vários pesquisadores demonstraram (Menon 1997, Silva 2000), descrever o atual sistema pronominal de tratamento do português brasileiro, o que então não dizer da dificuldade em voltar 100 ou 200 anos no tempo para revelar como as pessoas se tratavam no Brasil dos séculos XVIII-XIX?

A análise de fenômenos de mudança lingüística, com base em textos escritos, apresenta diversos entraves quanto à interpretação dos dados históricos, à dificuldade de identificação do perfil social do informante, à qualidade do *corpus* utilizado nas análises e à tradição textual. Certos usos lingüísticos podem estar correlacionados ao tipo de texto em que são localizados. Existem fórmulas fixas que se repetem em determinado gênero particular. Como saber se determinada estratégia interlocutiva identificada em uma peça teatral ou em uma carta evidencia uma etapa de um processo de mudança sistêmica ou se trata de uma peculiaridade daquele tipo de texto? (Kabatek 2001: 97). Que tipo de texto revelaria mais eficazmente o modo como as pessoas se tratavam no Brasil setecentista e oitocentista? No caso das formas de tratamento e do fenômeno de pronominalização de nominais (de *gente* para *a gente* e de *Vossa Mercê* para *você*), em particular, parece evidente que a incidência de um determinado comportamento em materiais diversificados poderia esclarecer com maior clareza a questão.

### 3.1. O diálogo teatral como material de análise

As obras literárias, particularmente as peças teatrais, apesar de não reproduzirem a oralidade informal, são uma tentativa de reconstrução do real. O escritor, a partir da criação de diálogos nas comédias de costumes, procura representar de forma estilizada as relações sociais de sua época. Sabe-se que não é um retrato fiel de um determinado contexto sócio-histórico, mas uma representação de uma realidade com a qual o público se identificava. Há ainda um aspecto favorável à utilização desse gênero literário. A peça era escrita por um autor setecentista ou oitocentista e não por um escritor moderno que interpreta um período pretérito. Cafezeiro/Gadelha (1996: 208) caracterizam com precisão as peças teatrais do século XIX:

Os textos da comédia brasileira do período romântico estão, em sua maioria, mais próximos de um estilo realista-naturalista que propriamente do estilo romântico. Vê-se (sic!) problemas familiares, topográficos, em

especial o Rio de Janeiro, que se tornara capital e com isso representava uma oposição aos elementos do interior. Quanto à família, as relações entre marido e mulher, noivo e noiva, namorado e namorada e entre amantes são às vezes fotografadas, caricaturadas, idealizadas ou ridicularizadas de acordo com o espaço político-social do Rio de Janeiro, modelo de aspirações e realizações para todas as outras províncias.

Existe inclusive a imposição da natureza do fenômeno. As formas de tratamento aparecem em gêneros discursivos específicos. As cartas pessoais também se constituem de uma fonte propícia ao seu emprego. Entretanto, por se configurarem como modelos padronizados de elaboração, as estratégias de tratamento utilizadas em cartas podem, como veremos, estar associadas ao gênero em si como uma fórmula fixa daquele documento sem refletir necessariamente as estratégias interlocutivas de um determinado período. Que texto, ou melhor, tradição discursiva seria mais propícia para depreensão de formas de tratamento?

Defende-se que em determinados casos, os estudos históricos deveriam levar em conta *corpora* diversificados em termos de tipologia textual e de tradições discursivas, como cartas oficiais e pessoais, peças teatrais, etc., para que se tenha uma visão mais ampla do objeto de estudo. Tal perspectiva, além de permitir a representação de diferentes estratos sociais, dá maior confiabilidade às conclusões, uma vez que, dependendo do texto (literário, não-literário), os resultados podem não ser os mesmos.

### 3.2. *Por que trabalhar com cartas?*

Como defende Soto (2001: 98), a carta, como gênero discursivo primário, nos termos de Bakhtin (1997 *apud* Soto 2001), embora se constitua como “uma das mais antigas formas de enunciação na ausência do interlocutor”, configura-se como uma circunstância espontânea de comunicação verbal. Estruturada em um eixo que pressupõe um autor, um destinatário e um tema-íntimo, a carta-missiva segue um padrão reconhecido há muito no mundo ocidental. Com variações possíveis em termos da disposição no papel, o texto epistolar não dispensa certos elementos que o caracterizam como gênero ou tradição discursiva, ao mesmo tempo em que situam e contextualizam o seu autor em uma determinada realidade histórico-social. Em geral o local, a data, a saudação inicial, o corpo do texto, a despedida e a assinatura estão sem-

pre presentes, o que permite a identificação do perfil sócio-lingüístico do remetente. Por conta desse padrão epistolar, a carta permite a identificação de fatos lingüísticos em processos de mudança. “Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical)”, como diz Bakhtin (1997: 285), “pode entrar na língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero”. Se por um lado, a carta transmite a inovação e mudanças lingüísticas, por outro, ela conserva fórmulas fixas em que se perpetuam “tipos estáveis de enunciados” caracterizando-a como tradição discursiva.

#### **4. Situando o problema: estudos parciais sobre formas de tratamento em corpora diversificados**

Analizando peças teatrais brasileiras e portuguesas e cartas particulares, Lopes/Duarte, (2003, 2004) e Silva/Barcia (2002, 2002a) verificaram que a forma *Vossa Mercê* conserva nos séculos XVIII e XIX um caráter de cortesia e respeito, sendo utilizada, preferencialmente, nas relações de inferior para superior. Rumeu (2004), por sua vez, identificou em um conjunto de cartas setecentistas e oitocentistas, principalmente no século XIX, a presença de *Vossa Mercê* na documentação não-oficial trocada entre pessoas de nível social equivalente. Tal estratégia de tratamento apresentava baixos índices na documentação oficial do século XVIII, o que caracterizaria, segundo a autora, um processo de *dessemantização* sofrido por *Vossa Mercê*, uma vez que houve “perda do caráter polido e cortês com que tal forma de tratamento foi, inicialmente, concebida em fins do século XV” (Rumeu 2004: 89).

A forma pronominal *tu* aparece, nas peças teatrais dos séculos XVIII e XIX, analisadas por Lopes/Duarte (2003), como estratégia preferida em ambas as variedades (brasileira e portuguesa), nas relações simétricas entre membros de mesmo grupo social e nas assimétricas de superior para inferior. Nas relações assimétricas de inferior para superior predominam as formas nominais de tratamento: *Vossa Mercê* no caso das peças brasileiras e outras formas nas peças teatrais portuguesas (*o Senhor, Sua Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Senhoria*). O que se mostrou como fator de maior diferenciação, nessa amostra, foi o baixo índice de uso de *você* no teatro português (3% contra 13% no teatro brasileiro). Outro resultado interessante, que nos serve como hipótese, diz respeito ao fato de ter-se verificado uma distribuição

regular, quase que escalonada, entre as principais formas nominais e pronominais utilizadas nas duas variedades na primeira metade do século XVIII (em torno dos 30%). Tal distribuição, entretanto, torna-se diferenciada, principalmente em fins do século XIX, com o avanço paulatino de *você* nas peças brasileiras, ao passo que, no teatro português, o pronome *tu* se sobrepõe às demais estratégias localizadas.

Há outros indícios relevantes. Nos dados analisados por Lopes/Duarte (2003), identificou-se, na primeira fase do século XVIII, *Vossa Mercê* e *você* coexistindo no mesmo domínio funcional e sendo empregadas nos mesmos tipos de relação simétrica (entre personagens populares). Isso ocorre tanto nas peças portuguesas quanto nas brasileiras. O exemplo a seguir, citado no estudo, ilustra a coexistência da forma mais antiga ao lado da forma emergente. O mesmo personagem (D. Quixote) ora usa *Vossa Mercê*, ora emprega *você* para se dirigir à mesma pessoa, o barbeiro.

(1) Senhor mestre barbeiro, veja *vossa mercê* como me pega nestas barbas. (de D. Quixote para Barbeiro) (Silva 1733: 42)

(2) Ora, sô Mestre, *você* bem sabe que é obrigação dos de seu ofício, enquanto o fazem a barba, dizerem as novidades que há pela cidade. (de D. Quixote para Barbeiro) (Silva 1733: 42)

Na segunda metade do século XVIII, o comportamento de *você* e *Vossa Mercê* torna-se divergente: a variante vulgar continua a ser utilizada entre personagens populares, mas passa também a ser usual nas relações assimétricas de superior para inferior. A fórmula desenvolvida *Vossa Mercê*, contrapondo-se ao emprego da forma sincopada, aparece com maior frequência nas relações menos solidárias de inferior para superior. Aparentemente, em Portugal, tal comportamento se torna estável e o *você* cada vez menos produtivo. No Brasil, o vulgar *você* perde gradativamente o seu caráter nominal, diverge funcionalmente de *Vossa Mercê* e passa a assumir propriedades pronominais concorrendo com *tu* a partir do século XIX.

Em síntese, tais resultados poderiam indicar que:

- a) a erosão fonética de *Vossa Mercê* iniciada em Portugal foi mais acelerada que seu processo de desbotamento semântico, dada a coexistência de *você* e *Vossa Mercê* nos mesmos contextos formais e discursivo-pragmáticos até, pelo menos, meados do XVIII;



- b) *você*, em fins do século XIX e principalmente no português do Brasil, passa a concorrer com *tu*;
- c) os contextos de uso de *você* e *Vossa Mercê* tornam-se divergentes;
- d) as relações mais solidárias no Brasil-colônia podem ter favorecido a disseminação mais acelerada de *Você* (e variantes). Foneticamente desgastada na fala dos portugueses e espalhada nos diversos estratos sociais, *você* perde de maneira mais rápida que a sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê* o caráter de cortesia original.

### 5. As cartas setecentistas do Marquês do Lavradio e os graus de parentesco

No caso do século XVIII, parte-se do estudo de Marcotulio (2004) que analisa 27 cartas pessoais escritas pelo Marquês do Lavradio, português, na faixa dos 40 anos, residente no Rio de Janeiro, entre 1770 e 1774, a diferentes membros de sua família. As cartas utilizadas no seu trabalho seguem a numeração utilizada no livro *Cartas do Rio de Janeiro* (Lavradio 1769-1776) e são cópias de época. Nas próprias cartas, ditas de amizade, aparecem as relações de parentesco. Levando em conta tal informação e procurando cartas mais íntimas, selecionaram-se: quatro cartas para tio, cinco para irmão, sete para primo, uma para compadre, cinco para mãe e cinco para os filhos. Durante o levantamento dos dados, entretanto, verificou-se que os supostos laços de parentesco, explicitados pelo próprio Lavradio em suas cartas, não correspondiam aos reais laços consangüíneos. Na carta 174, ele diz

“... ultimamente eu recomendo a V. Ex<sup>a</sup> este negócio com aquele ardor com que V. Ex<sup>a</sup> deve supor eu me interesso hoje por uns genros, ou para melhor dizer filhos que as estimáveis circunstâncias, que a todos ouço repetir deles, os fazem ser inseparáveis do meu coração.”

Reconstituindo a árvore genealógica do Marquês, Marcotulio (2004) descobriu que os supostos filhos eram, na verdade, genros, a designação de mãe era dada à sua sogra, o tratamento de irmão era utilizado para o cunhado, um suposto primo era o sogro da primeira filha e assim por diante. As relações de parentesco são por demais complexas e dependem da estruturação sócio-cultural de cada época e lugar. O grau de parentesco por afetividade, ou por outras motivações, pode ser resultante de uma aliança promovida entre as pessoas, caracterizando como consangüinidade meros laços de afinidade. Cada cônjuge estaria

ligado ao parente do outro pelo mesmo grau em que este se encontra, por isso, o Marquês trata, por exemplo, a sogra por mãe e os genros por filhos. Tal controle é de suma importância para compreensão do elenco diversificado de estratégias de tratamento empregadas em relações interativas como discutido adiante.

Apesar de prevalecerem na amostra cartas destinadas a parentes e amigos, repletas de queixas sobre a cidade “cheia de pântanos rodeada de inacessíveis montes” com “calor tão extensivo, (...) comércio pouco, preguiça dos habitantes” (Lavradio 1978: 17) e de lamúrias pessoais por falta de notícias e saudades da Bahia e de Portugal, percebe-se o cuidado do Marquês com a eleição de estratégias nominais e pronominais de tratamento variadas em função da hierarquia, distanciamento, respeito ou convenção (?) estabelecida entre ele e seus destinatários. Em seu estudo, Marcotulio (2004) identificou, no conjunto das cartas analisadas, os seguintes modos de tratar: *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Mercê*, *Senhor*, *ocê(s)*, *tu*, *vós*. O teor de intimidade é inaugurado nas saudações iniciais que principiam o documento. Nelas, fórmulas cristalizadas encabeçam, com poucas variações, as missivas saudosas em que o enunciador usa um substantivo que supostamente indicaria o papel social do destinatário, no caso em questão, o grau parentesco por afinidade ou por consangüinidade:

(3) Meu irmão; e senhor do meu coração (carta 177); Minha Mãe e muito minha Senhora do meu mais respeito (carta 263); Meu tio; meu amigo e meu senhor (carta 268); Meu filho; e senhor do meu coração... (carta 290); Meu compadre (carta 193); Meu primo; meu amigo e senhor verdadeiramente do meu coração (carta 181) (Lavradio 1769-1776: 18-69)

Evidenciado o caráter pessoal da documentação analisada, que fatores determinariam a variação das formas de tratamento empregadas? Mera tradição discursiva ou controle consciente do exercício do poder que se estabelece em uma determinada situação interativa?

### 5.1. *As cartas do Marquês do Lavradio a diferentes destinatários: um Vice-Rei contrariado na colônia portuguesa*

Marcotulio (2004), adotando os mesmos critérios identificados nos outros estudos sobre o tema (Lopes/Duarte 2003 e 2004, Silva/Barcia 2002 e 2002a, Rumeu 2004), apresenta uma tabela em que correlaciona o uso das formas de tratamento com as possíveis relações hierárquicas estabelecidas entre remetente e destinatário:

<i>Tipo de relação entre informantes</i>	Você	Vocês	Vós	Tu	Vossa Mercê	Vossa Excelência	Vossa Senhoria	Total de ocorrências
<i>De superior para inferior</i>	48 - 87%	06 - 11%	—	—	—	1 - 2%	—	55
<i>De inferior para superior</i>	—	—	7 - 4%	1 - 1%	1 - 1%	159 - 94%	—	168
<i>Entre membros do mesmo grupo social</i>	19 - 13%	09 - 6%	—	56 - 37%	6 - 4%	51 - 34%	10 - 7%	151

**Tabela 1: Formas nominais e pronominais de tratamento nas cartas de amizade do Lavradio (Marcotulio 2004)**

Os resultados apresentados confirmam as conclusões obtidas a partir da amostra de peças teatrais, principalmente, no que se refere ao uso de *você*, marcando relações assimétricas de superior para inferior a partir da segunda metade do século XVIII: período em que as cartas do Lavradio foram escritas. Tal comportamento confere à forma vulgar *você* um certo *desbotamento semântico* ou *dessementização* dessa variante no início do seu processo de pronominalização ou gramaticalização (Hopper 1991).

Nas relações hierárquicas assimétricas de inferior para superior, identificou-se o uso majoritário de *Vossa Excelência* (94%): estratégia cerimoniosa e formal, utilizada com frequência nas cartas oficiais dos séculos XVIII e XIX analisadas por Rumeu (2004).

Nas relações simétricas mais solidárias, entre membros de um mesmo grupo social, detectou-se uma ampla diversidade de estratégias, com produtividade significativa para o pronome *tu* (37%), seguido por *Vossa Excelência* (34%), *você* (13%) e *Vossa Mercê* (4%).

Existem, contudo, algumas questões a serem respondidas. Que tipo de relações simétricas e assimétricas são essas? Em que cartas e para que destinatários o Marquês opta por usar *tu* ou *Vossa Excelência*? Qual a razão da presença do pronome *vós*? As formas *você* e *tu* coexistem em um mesmo domínio funcional, em uma mesma carta ou entre destinatários diferentes que estabelecem com o Marquês do Lavradio uma relação solidária?

Como apresentado na descrição da amostra, os parentescos indicados nas cartas pelo Marquês constituem-se, na maior parte dos casos, como laços familiares afetivos e não como laços consangüíneos. A tabela a seguir apresenta uma descrição mais detalhada dos destinatários das cartas.

## 5.2. *Quem é quem nas cartas do Marquês: depurando os papéis sociais dos destinatários*

### - *Relações assimétricas de inferior para superior*

	Parentesco estabelecido na carta	Grau real de parentesco	Vós	Tu	Vossa Mercê	Vossa Excelência	Total
<i>Relações assimétricas (Inferior para Superior)</i>	<i>Mãe</i>	Sogra (60 anos)	—	—	—	102 (C263, 279, 289, 317, 372)	102
	<i>Total</i>					102	102
	<i>Tio</i>	Tio Consangüíneo (63-67 anos)	—	—	1 (C174)	45 (C174, 497)	46
		Tios Afinidade	7 (C268)	1 (C268) (51 anos)	—	12 (C214) (61 anos)	20
	<i>Total</i>		7	1	1	57	66

**Tabela 2: Relações assimétricas de inferior para superior**

Foram considerados como relações assimétricas de inferior para superior os dados identificados nas cartas dirigidas à sogra, na mesma linha de parentesco de sua mãe, e aos tios consangüíneos e não-consangüíneos. A sogra, Condessa de São Vicente, e o tio verdadeiro, Conde de Azambuja, recebem o tratamento cerimonioso *Vossa Excelência*, muito comum em cartas oficiais.

As únicas ocorrências de *vós* aparecem na carta destinada ao Conde de Resende representada pela forma verbal (sujeito não-preenchido) ou por pronomes possessivos. Embora iniciada com “Meu tio, meu amigo e meu senhor”, o Marquês trata de assuntos administrativos, reclama de ter sido nomeado “para vir governar na América” e se

despede afirmando: “..permiti-me em toda *as vossas ordens*, que *executarei* sempre com a mais respeitosa amizade”.

Fica nítido o distanciamento entre os dois. Semelhante tratamento só se verifica na Carta Régia de Sua Majestade quando da nomeação do Marquês.

(4) Honrado Marquês do Lavradio, Governador e capitão-General da Capitania da Bahia: Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar, como aquele que prezo. Fui servido nomear-vos Vice-Rei, e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brasil (...) Vos ordeno, que logo, que a Nau de Guerra Nossa Senhora dos Prazeres chegar ao Porto dessa Cidade, *entre-gueis* o Governo dela e sua Capitania, ao sobredito Conde de Povolide, e vos *embarqueis* na mesma Nau... (Lavradio 1769-1776: 3)

Como diversos estudos (Cintra 1972, Faraco 1996) mostraram, a forma *vós*, diferentemente do que ocorreu com outras línguas românicas, deixou cedo de ser empregada como tratamento cerimonioso em português, sendo substituída por estratégias nominais de tratamento. Entretanto, ainda aparece no teatro e em cartas marcando distanciamento, como se observa nas duas cartas citadas. Soto (2001) mostra a convivência de *vós* e de outras formas de tratamento nominal no português *no* Brasil desde a *Carta de Caminha*. Rumeu (2004) identifica, em sua amostra, apenas uma carta brasileira do século XIX em que só ocorre a forma de segunda pessoa do plural. Tal emprego de *vós* marcando reverência não é reflexo de um uso efetivo na língua, mas apenas ficou, como diz Soto, “na memória da língua portuguesa do Brasil” como uma tradição discursiva 1) do gênero epistolar utilizado pela realeza ou 2) de situações comunicativas altamente cerimoniosas e movidas pela semântica do *poder* (Brown/Gilman 1960). Ainda é necessário considerar o fato do pronome *vós* ser representado tão somente nas desinências verbais, nos pronomes complemento e nos possessivos. O arcaizante pronome *vós* nunca ocorre no caso reto.

- *Relações assimétricas de superior para inferior*

<i>Relações assimétricas (Superior para inferior)</i>	<i>Parentesco estabelecido na carta</i>	<i>Grau real de parentesco</i>	<i>Você</i>	<i>Vossa Excelência</i>	<i>Total</i>
	<i>Filho</i>	Genros (29 e 17 anos)	54 (C290, 333, 362, 333, 417, 496)	1 (C496)	55
	<i>Total</i>		54	1	55

**Tabela 3: Relações assimétricas de superior para inferior**

Como pode ser observado na tabela, o uso exclusivo de *você* foi localizado nas cartas endereçadas aos genros, que estão na mesma linha de parentesco dos filhos. A maior incidência da forma gramaticalizada *você*, principalmente, nas relações assimétricas de superior para inferior, nas cartas de finais do século XVIII, poderia referendar o princípio da *especialização*. Tal princípio de gramaticalização discutido por Hopper (1991) prevê que, em um estágio inicial do processo, há uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes como apresentado na ampla flutuação e mistura de tratamento em função das relações hierárquicas estabelecidas. Durante o processo de gramaticalização há um estreitamento de escolhas e a forma emergente é especializada, tornando-se quase obrigatória em determinados contextos.

- *Relações simétricas*

a) *Irmão*

<i>Relações simétricas</i>	<i>Parentesco estabelecido na carta</i>	<i>Grau real de parentesco</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Total</i>
	<i>Irmão</i>	Irmão (38 anos)	15 (C177, 229)	-	15
		Cunhado (21-25 anos)	1 (vocês) (C230)	22 (C230, 312, 485)	23
	<i>Total</i>		16	22	38

**Tabela 4.1: Relações simétricas**

A forma *você* também aparece como estratégia exclusiva nas cartas destinadas ao irmão consanguíneo. Seria uma estratégia produtiva nas relações íntimas de família? Interessante observar que, nesse caso, *você* ocorre predominantemente em funções sintáticas diferentes da função sintática de sujeito: aparece na posição de comentário e não na de tópico.

- (5) ... novas de *você* vindo a passar-se desta forma mais de um ano que deixei de receber carta *sua*... (Lavradio 1769-1776: 18 – C.177)
- (6) ... carta nenhuma de *você* depois que me acho neste Governo que fazem ...(sic) (Lavradio 1769-1776: 39– C.229)

(7) ... desejo a *você* a mais perfeita saúde... (Lavradio 1769-1776: 18–C.177)

b) *Primo*

<i>Relações Simétricas</i>	<i>Parentesco estabelecido na carta</i>	<i>Grau real de parentesco</i>	<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Vossa Excelência</i>	<i>Vossa Senhoria</i>	Total
	<i>Primo</i>	Primo (50 anos)	<b>08</b> (você) (C181)	<b>15</b> (C181)	-	<b>1</b> (C181)	24
		Primo distante (38 anos)			<b>8</b> (C425)		08
		Primo do genro			<b>13</b> (C427)		13
		Sogro (45 e 56 anos)			<b>30</b> (C373, 419)		30
		Não identificado	<b>04</b> (C253)	<b>18</b> (C253)			22
		Não Identificado				<b>9</b> (C495)	09
	<i>Total</i>		12	33	51	10	106

**Tabela 4.2: Relações simétricas**

As cartas endereçadas aos primos apresentam formas de tratamento diferenciadas. No caso de primos consangüíneos, relação [+familiar] prevalece o íntimo *tu*. Quando escreve, entretanto, para os primos cujas relações não são consangüíneas (sogro da filha, primo do genro, etc.) predomina a forma nominal de tratamento cerimoniosa *Vossa Excelência*.

5.3. *Concorrência entre você e tu numa carta de amigo: início do processo?*

Embora haja indícios de *você* apresentando comportamento de forma nominal de tratamento, em uma única carta, aparece a concorrência entre *você* e *tu*, com predomínio da segunda estratégia sobre a primeira. Trata-se de uma carta encaminhada a um primo não-identificado na árvore genealógica do Marquês. Depreende-se, pela leitura do docu-

mento, que o destinatário era um velho amigo do Marquês que vivia em Portugal. O Marquês utiliza inicialmente o tratamento *tu*, mas intercala algumas raras passagens com a forma *você*, representada por *V*.

A carta é bem íntima. Fala-se da falta de notícias, de uma amizade verdadeira e da saudade do amigo. No contato direto, o Marquês opta pelo *tu* íntimo. Com o *tu* predomina o emprego de verbos no modo indicativo criando, principalmente, uma relação de concomitância temporal, contemporaneidade típica a um ato de fala real.

(8) Senhor do meu coração. Que discursos *terás tu* feito da minha inconstância e da falta da minha amizade, tendo a perto de três anos recebido tão poucas cartas minhas, porém se os amigos que *tu tens* neste Continente te escreverem a verdade, por eles *poderás* saber a memória e saudade que sempre me deve a *tua* companhia, sendo todos os dias muitas vezes em que me lembro de ti, e isto me parece prova bem que a minha amizade é sempre a mesma, e *tu* que também me *conheces*, *deves* fazer-me a justiça de confessar que eu não sou dos amigos da moda e que a minha amizade nunca se acaba, ainda muitas vezes quando as pessoas que ma devem procuraram desmerecer-me [...] (Lavradio 1769-1776: 49– C.253)

A entrada de *você* rompe com tal concomitância e temporalidade, o *você* entra numa condicional e logo depois o uso do modo *irrealis*. Percebe-se nitidamente uma situação discursivamente motivada.

(8a)[...] e se *V*. se não satisfaz vá buscar [...] (Lavradio 1769-1776: 49– C.253)

Aparentemente, esse *você* ainda tem um caráter nominal. Dá-se um lugar especial ao outro. O *você* como forma de terceira pessoa, nesse contexto, assume um caráter abstrato, pois eleva-se o interlocutor acima da condição de pessoa recíproca típica do anterior *tu*. O emprego do *você* aparece sempre em momentos de crítica, deboche ou ironia, criando um certo distanciamento mesmo que sem cortesia, o que dá a impressão de mudança de referente.

(9) [...] e se *V*. se não satisfaz com estas expressões vá buscar quem o ature porque eu não tenho agora tempo para sofrer crianças rabujentas [...] (Lavradio 1769-1776: 49– C.253)

No exemplo, percebe-se que depois de tantos pedidos de desculpas pela falta de notícias, etc., o *eu* assume um tom grosseiro, ao mesmo tempo em que faz graça, chamando o *outro* de rabugento caso ele não aceite suas desculpas. Logo a seguir, trata-o de novo com um *você*, para mais uma vez fazer uma galhofa:



(10) Grande terra é a do Rio de Janeiro que *V.* tanto me gabava eu nela não tenho logrado uma boa saúde, tudo aqui me fede, tudo me come, e em uma palavra, tudo me aborrece. Eu não sei se de mim dirão o mesmo os a quem governo, porém eles se me mostram muito satisfeitos e vivem bastantemente sossegados, têm procurado todo o modo de me divertirem e de me fazerem obséquio, porém eu como tenho pouco tempo para estes folguedos, pouco ou nada me aproveito deles. (Lavradio 1769-1776: 49–C.253)

O Marquês se sentiu enganado pelo amigo que falava tão bem do Rio de Janeiro que ele odeia. Quando volta a tratar de assuntos íntimos, referindo-se à carta anteriormente recebida, trata-o novamente pelo íntimo *tu*. Retoma-se a contemporaneidade enunciativa, retorna-se ao emprego do presente do indicativo em “Vejo o que *tu* me dizes a respeito de pescocinhos” (Lavradio 1769-1776: 49– C.253).

Tal emprego de *você* cria, entretanto, um certo distanciamento que não se caracterizaria como um exemplo prototípico da semântica do *poder*. Trata-se, como se viu, de um distanciamento irônico com um uso funcional específico.

#### 5.4. Reflexos estruturais: *você* forma nominal ou pronominal de tratamento no setecentos?

Como visto no teatro, a forma emergente *você* apresenta nas cartas do Marquês um comportamento muito similar a uma forma nominal de tratamento. Como sujeito pleno, *você* apresenta grande variabilidade sintagmática podendo ocorrer na posição pré-verbal (14-70%), pós-verbal 05 -25%) e mais raramente entre o verbo auxiliar e o verbo principal (1 – 5%). A forma de tratamento nominal *Vossa Excelência*, por exemplo, apresenta índices semelhantes: 76% (54/71) pré-verbal, 23% (16/71) pós-verbal e 1,4% (01/71). Em termos das variadas funções sintáticas, *você* também apresenta comportamento similar a formas nominais. Apesar de predominar como sujeito (60% -40/67) também apresenta altos índices como complemento preposicionado 31% (21/67) como objeto indireto e 8,9% (06/67) como adjunto adnominal. *Vossa Excelência* aparece com freqüências similares: 48% (97/205) como sujeito, 33% (67/205) objeto indireto e 20% (41/205) como adjunto adnominal. Aparentemente, em termos formais, a forma vulgar *você* apresenta um comportamento similar aos tratamentos de base nominal.

Na carta em que há variação entre *você* e *tu*, como se viu, as duas estratégias não estão sendo utilizadas no mesmo domínio pragmático-funcional. Em termos formais, ocorre o mesmo. Não foram localizados dados de *você* combinando-se com formas de 2ª pessoa (*você-te-teu*), o que será a tônica a partir do final do século XIX. A tabela a seguir ilustra as combinações identificadas com *você* e *tu* nas cartas em que tais formas ocorrem.

Parentesco	Cartas	Possessivo			Complemento		
			P3	P2	P3 (os/lhe)	P3 (a você)	P2 (te)
Filho	290; 333; 362; 417; 496	<i>você</i>	16	-	24	9	-
Primo	253	<i>você</i>	-	-	1	1	-
		<i>tu</i>	-	4	-	-	4

**Tabela 5: Você ~ tu nas cartas do Marquês**

Em suma, observou-se nas cartas do Lavradio o seguinte:

- Nas relações sociais assimétricas de inferior para superior, a forma nominal de tratamento *Vossa Excelência* apresenta-se como a fórmula de cortesia ascendente com maior frequência de uso, principalmente entre os parentes não consanguíneos.
- Certos comportamentos sintáticos como a variabilidade sintagmática de *você* e a presença exclusiva de co-referentes de terceira pessoa (*seu, o, lhe*), aliados a determinados comportamentos discursivos (predomínio nas relações sociais assimétricas de superior para inferior entre pai e filho e nas simétricas (entre amigos e/ou irmãos) com referenciação indireta) indiciam que, no século XVIII, a variante vulgar *você* ainda é empregada como uma expressão nominal de tratamento. Como conclui Soto (2001: 241) a variante *você* “tem seu *timing* determinado para aparecer” que não é exatamente o “espaço cênico” legítimo do *tu*, e muito menos o espaço cênico de *Vossa Mercê* ou de outras formas nominais de tratamento. É uma estratégia que está emergindo em contextos restritos e que inicia seu processo de gramaticalização em situações motivadas discursivamente.

- c) Em apenas uma única carta enviada a um amigo, tratado como primo, há variação entre *você* e *tu*, mas com um uso pragmático-discursivo diferenciado.

## 6. *Você* e *tu* 100 anos depois: a família Ottoni

Para o século XIX, além de termos cartas de ambos os sexos – um homem e uma mulher – os informantes pertencem ao mesmo grupo etário, residiam em um grande centro urbano da época (Rio de Janeiro) e tinham mesmo nível sócio-cultural, apesar de uma escolarização diferenciada.

A amostra é constituída por 41 cartas particulares produzidas (Ottoni/Ottoni 1978, Lopes/Machado 2003, Lopes 2005), no último quarto do século XIX, pelo casal Christiano Benedito Ottoni e Barbara Balbina de Araújo Maia Ottoni a seus netos Misael e Christiano, filhos dos Barões de Madalena. O neto mais velho, Christiano nasceu em 14/09/1873 em Paris e tinha 6 anos quando começou a receber as cartas do avô. O mais novo nasceu em 11/07/1875, no Rio, com 4 anos teve contato com as primeiras cartas a partir da leitura dos mais velhos. De Christiano, tem-se 27 cartas escritas no Rio de Janeiro entre os anos de 1879 e 1892 por um avô-culto, nascido em Minas Gerais, em 1811, que foi engenheiro, professor e Senador do Império e da República. De Barbara, aparentemente menos letrada que o marido, são 14 cartas escritas entre 1883 e 1889 por uma doce-avó, dona de casa, quituteira, nascida no Rio de Janeiro, em 1822.

### 6.1. *Distribuição das formas você e tu – plenas ou nulas – na posição de sujeito: o inovadorismo de Barbara*

O uso majoritário de *tu* no *corpus*, principalmente nas cartas do avô, confirma de certa forma os resultados obtidos em outros trabalhos com base em cartas particulares dos séculos XVIII e XIX. Os estudos têm demonstrado o predomínio do pronome *tu* em quase todos os níveis hierárquicos estabelecidos entre remetente-destinatário, principalmente, nas relações simétricas de amizade e nas relações íntimas de família (Silva/ Barcia, 2002:28). Nas cartas da Barbara, entretanto, a forma inovadora *você* com 57% se sobrepõe ao pronome *tu*. Soto (2001:243) afirma que o estilo de escrita predominantemente oral de Barbara, “permite-nos supor a existência, principalmente na fala doméstica, de

um uso bastante generalizado da forma *você* no final” do século XIX no Brasil. A tabela a seguir apresenta os dados de *você* e *tu*, preenchidos ou não-preenchidos, na posição de sujeito, eliminando-se as ocorrências no imperativo.

Gênero/Formas utilizadas	<i>VOCE</i>	<i>TU</i>
<b>Homem</b>	4/94 – 4%	<b>90/94 – 96%</b>
<b>Mulher</b>	<b>08/14 – 57%</b>	06/14 – 43%
Sub-total	12/108 - 11%	96/108 – 89%

**Tabela 6: *você* e *tu* nas cartas dos Ottoni**

O emprego de *você* nas cartas de Barbara não ocorre apenas na correspondência endereçada aos netos. Ao escrever para a filha ou fazendo referência à criada, a avó-dona-de-casa opta pelo inovador *você*:

(11)[Carta à filha] Minha Querida Filha Virginia ||Recebi uma cartinha muito lacone-| ca nas costas da cartinha de Mizael | de 10 de Dezembro, e nella **você** dis | que havia mais de um mes, que não | tinha cartas de cá (...). (Lopes 2005: carta 37)

(12)[Referência à empregada] Tenho uma criada que | dice que sabia fazer tudo | que eu mandace ella | fazer emtaõ perguntei | e Paõ doce **você** sabe fazer | sei emtaõ mando todos | os sabados fazer. (Lopes 2005: carta 30)

Como aponta Soto (2001: 186), a presença do *você* nas cartas de Barbara não estaria relacionada a uma assimétrica de tratamento de superior para inferior como se observava nas cartas setecentistas do Lavradio ou em outros *corpora*. Trata-se de “um uso mais generalizado do que um pronome de poder ou de solidariedade” (Soto, 2001: 186), uma vez que essa forma inovadora, cada vez mais, avança nos espaços funcionais típicos de *tu*. A variação entre *você* e *tu* em um mesmo documento, por exemplo, ocorre com maior frequência em suas cartas.

Nas cartas de Christiano, nas quais prevalece um majoritário *tu* (96%), as raríssimas ocorrências de *você* (apenas 4%) aparecem predominantemente em trechos de discurso indireto. Nessas situações, ilustradas em (13a) e (13b) o avô muda o eixo interlocutivo ou cênico e dá voz a uma terceira pessoa. Com tal mudança, o tratamento torna-

se indireto, daí a opção por um *você* como uma expressão nominal, uma não-pessoa, uma entidade abstrata:

(13) *Dizes* que *tens* muita || saudade de *teu* papai que morreu e de nos to-  
|| dos de ca: nos também temos muitas saudades || delle, de *ti*, de *teu*  
irmão, de *tua* mamae, de || Thia Paulina e Thio Julio; bem dezejo que ve-  
|| nhaõ todos e estou fazendo uma casa em Bota- || fogo, onde cabere-  
mos todos melhor do que na || rua do Conde.

(a) Bebê me diz que *você* come bem || (b) e Ø *esta* engordando muito;

e como ninguém de la || me diz – Tichet fez tolices – estou acreditando ||  
que *ês* um menino de juízo, que não *fazes* tris- || teza a *tua* mamae, irri-  
tando-te e gritando || por qualquer cousa. || Nos estamos em Petropolis;  
mas ninguém se-tem || divertido, nem passeio muito, porque ficamos ||  
muito tristes com a morte de *teu* papai: Nininha || nem tem aberto o pia-  
no. Todos daqui *te*-abra- || çaõ, e com [especialidade] || *Teu* vovo *muito*  
amigo || C. B. Ottoni (Lopes 2005: carta 2)

Na carta 3, há uma situação de “aconselhamento” ou uma situação hipotética com o emprego do subjuntivo, como se viu na carta do Marquês do Lavradio ao amigo. Seria forçado interpretar esse *você* como uma forma indeterminada? Poderíamos substituir a frase por “mas para que *se/alguém/qualquer um* vá também adquirindo gosto”?

(14) *Has* de notar que a cartinha que eu escrevo a Chris- || tiano é mais  
comprida do que esta: a razão é que elle || escreveo, e eu tive de fallar da  
carta delle Mas não || deixo de escrever-te também, não so porque que-  
ro bem a || ambos, **mas para que *você* também va adquirindo gosto ||**  
**por estas communicaçoe s, que servem de exercício para || vir a**  
**escrever bem.** (Lopes 2005: carta 3)

O emprego esporádico de *você* nas cartas de Christiano poderia ser considerado como um uso pragmático consciente, uma nova tradição discursiva ou a inserção de um elemento da língua falada refletida na escrita (Jacob/Kabatek 2001: XI). Os baixos índices de frequência ainda remetem a um uso de *você* em contextos restritos, discursivamente motivados. No caso de Barbara, aparentemente, não há mais uma motivação discursiva aparente, mas uma generalização de *você* como forma de 2ª pessoa.

Quanto ao plural, identificou-se, na posição de sujeito, o emprego categórico de *vocês*, o que confirma a hipótese de que essa forma teria suplantado completamente, neste período, o pronome *vós* considerado traço arcaizante no século XVIII (Faraco 1996). Nas cartas do Marquês, como observado anteriormente, a presença da segunda pessoa do plural ocorre apenas nas marcas desinenciais, nos possessivos (*vosso*) e

nos pronomes oblíquos (*vos*). Esses resultados referendam outros trabalhos quanto ao desuso de *vós* nos séculos XVIII e XIX. Aparentemente a forma plural *vocês* inseriu-se no sistema pronominal do português antes do que sua contraparte no singular – *você*.

6.2. A descrição do sincretismo entre P2 e P3: separando o joio do trigo.

Outros aspectos podem ser apontados para discutir a integração de *você* no sistema pronominal do português no final dos oitocentos. Com a generalização de *você*, o possessivo *seu* passa, por um lado, a atender às segundas e terceiras pessoas, aumentando a frequência da forma preposicionada *dele* (*de + ele*) principalmente, quando o referente é [+humano] (Cf. Abraçado 2000, Negrão 1996, Menon 1996, Silva 1996, etc.), por outro, *teu* e *seu* concorrem como possessivos de 2ª pessoa.

A tabela a seguir apresenta os dados de Barbara tendo em vista dois conjuntos de cartas: 1) as destinadas a um dos netos e 2) as endereçadas aos dois netos.

Destinatário das cartas	Pronome nas cartas	Possessivo		Complemento		
		P3 seu(s),sua(s)	P2 teu(s),tua(s)	P3 -os-	P2 -te-	P5 -vos-
1) Misael	<i>Você</i> (C28, 30)	06	-	-	03	-
	<i>Tu</i> (C29)	03	02	-	03	-
	<i>Você~tu</i> (C31 e 41)	05	-	-	03	-
2) Christiano e Misael	(4) <i>Vocês</i> (C32, 33, 36, 37 e 40)	28	-	9	02	01

**Tabela 7: As estratégias combinatórias de P2 e P3 identificadas nas cartas de Barbara**

Com relação às cinco cartas encaminhadas a um dos netos, identificou-se o predomínio de *você* sobre a forma *tu*. Em duas delas, Barbara só emprega *você*, na carta 29 só utiliza *tu* nulo e nas cartas 31 e 41 utiliza *você* variando com *tu*. A presença do possessivo *teu* e variantes (02 dados), como pode ser visto na tabela, só foi localizada na carta 29 em

que Barbara emprega apenas *tu*. Nas demais cartas da amostra, o possessivo que impera é o de terceira pessoa (*seu* e variantes) com 11 ocorrências: seis dados com *você* exclusivo e cinco ocorrências nas cartas em que há variação *você~tu*.

A “mistura de tratamento” mais evidente fica por conta do pronome-complemento de segunda pessoa *te* que aparece combinando-se a *tu*, *você* e *você~tu*. Tais resultados mostram que o sincretismo entre P2 e P3, causado pela inserção de *você* no sistema pronominal, dá seus primeiros reflexos formais na combinação de *você* com *te* no século XIX.

A combinação (*você*) – *seu* – *te* na amostra é mais freqüente nos fechamentos das cartas de Barbara e também na carta 37 destinada à filha:

(15) Com muitas saudades te abraça sua dindinha do coração” (Lopes 2005: carta 30)

No caso da forma plural, as escolhas da avó são outras. Nas despedidas, o pronome-complemento que vigora é o de P3 (*-os*), como ilustra o exemplo a seguir. Tal comportamento é recorrente em sete cartas (32-36, 38 e 40).

(16) Da um abraço a Ninia e a Tio Lulu e temvia muitos beijos e abraços Sua Didinha que muito os ama (Lopes 2005: carta 39)

Em síntese, percebe-se que a “mistura de tratamento” ocorre, nas cartas de Barbara, mais no singular do que no plural. No primeiro caso, identificou-se 1) *você* variando com *tu* em uma mesma carta, o que evidencia a disputa da forma inovadora pelos espaços funcionais do pronome de segunda pessoa; 2) a combinação de *tu~você* com *seu* e *te*; 3) o possessivo *teu* ocorrendo somente em referência a *tu*, nunca com *você*; 4) a presença de *te* combinando-se com *você*.

Nas cartas endereçadas aos dois netos, a forma *vocês* aparece como categórica na posição de sujeito, combina-se com formas de terceira (*seu* e *os*), embora seja possível localizar a correlação – rara na amostra — entre *te-seu-os* ou *seu-os-vos*. A presença de *vos* como complemento nos fechamentos das cartas ilustraria, como ocorrem em Christiano, a continuidade de um elemento textual fixo, quase uma fórmula conclusiva comum ao modelo epistolar: “*que de ca de longe sua avó os abraça e abençoa com muitas saudades e que vos que bem*”. (Carta 40, avó).

Nas cartas de Christiano destinadas a um remetente, prevalecem as combinações *tu-teu-te*. As raras ocorrências de *você* aparecem em três cartas (02-03 e 06). Nelas *você* combina-se a formas de 3ª pessoa (*você-seu*) como se observa no excerto retirado da carta 06.

(17) Li com muita satisfação a **tua** cartinha,| sem data, que chegou aqui antehotem: deo-me | ella occasião de verificar que **tens te** adiantado | porque a letra é muito melhor do que era e | a carta está limpa sem borroes. (...) **voce** e **seu** ir-| mão haviaõ de gostar muito della, mas | penso que quando vierem ja Zulmira terá | voltado para Paranagua. (Carta 6, avô)

As cartas 14, 16-20 e 23-25 foram enviadas aos dois netos pelo avô e nelas identificaram-se exclusivamente, como na amostra de Barbara, dados de *vocês* na posição de sujeito. Diferentemente do que ocorre nas cartas da avó em que se correlaciona *vocês* com *seu*, nas cartas de Christiano, predominam as combinações de *vocês* com o possessivo *vosso*. Localizaram-se dez ocorrências de *vosso(a)(s)* e apenas seis de *seu(s)/sua(s)*. As ocorrências do possessivo de 2ª pessoa do plural aparecem, principalmente, nos fechamentos das cartas ou despedidas (07 dados em 10). Em duas das nove cartas encaminhadas aos dois netos, aparecem fechamentos com *seu*, em cinco delas, a forma *vosso* e nas duas restantes não há formas possessivas. Os exemplos ilustram as ocorrências de *seu* e *vosso* nas cartas dirigidas aos dois netos.

(18) Adeos: Deos abençoe a ambos, e permitt[e] | que sempre queiraõ bem a **Seu** vovô, muito amigo C. B. Ottoni (Carta 14, avô)

(19) Abraça a ambos de todo o coração **Vosso** avô muito amigo (Carta 16, avô)

Em suma, Christiano é o nosso parâmetro de norma culta oitocentista, revelando os resquícios de fórmulas fixas do gênero carta, ao lado das formas íntimas de tratamento familiar. Em suas cartas, percebe-se, no tocante ao uso de *tu~você* e *vocês*, o seguinte: a) a correlação entre *tu* e *teu-te* e entre *você* e *seu* de acordo com a norma vigente portuguesa que vigorará como norma prescritiva no Brasil; b) o predomínio de *vosso* combinando-se a *vocês* como estratégia de fechamento/despedita nas cartas; c) o antigo *vosso*, combinando-se com *vocês*, ainda disputando espaço com o *seu* que se firmará ao lado de “*de+vocês*” como estratégia possessiva de 2ª pessoa do plural no português brasileiro do novecentos.



## 7. Considerações finais

A conjugação de investigações diacrônicas, com base em amostras diversificadas, pode nos dar confiança no estabelecimento de generalizações descritivas de sincronias pretéritas. *Vosmecê*, *mecêa*, *vosse*, *você* e a própria forma original *Vossa Mercê* aparentemente chegaram no Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos. A partir de meados do século XVIII, os usos tornam-se divergentes. A forma vulgar torna-se produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir em algumas situações “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida. No Brasil, a concorrência passa a ser maior entre *tu* e *você* em relações solidárias mais íntimas. Tais valores, entretanto, permanecem disponíveis, principalmente, no português europeu em que *você* não se generaliza como ocorre no Brasil. Aqui tal estratégia não era negativamente marcada. “O *Você*, com maiúscula, usado pela elite, para designar a elite, é [no Brasil do Oitocentos] uma forma de prestígio” (Soto 2001: 242).

Como se observou, a partir da análise de alguns resultados estruturais, a gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você* não levou à perda completa e imediata dos traços nominais originais e muito menos à adoção definitiva das propriedades pronominais. Criaram-se algumas incompatibilidades entre propriedades formais e semântico-discursivas. Com a inserção de *você* no quadro pronominal do português, percebe-se a *persistência* da especificação original de 3ª pessoa, ou [feui] nos termos de Lopes (2003), embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de 2ª pessoa [-EU]. Em uma frase como *Você<sub>i</sub> disse que eu te<sub>i</sub> encontraria aqui para pegar o seu<sub>i</sub> teu<sub>i</sub> livro* a interpretação semântica é inegavelmente de 2ª pessoa, mesmo que o pronome *você* esteja correlacionado a formas de 2ª ou de 3ª pessoas. Apesar de ainda ser condenada pelo ensino tradicional, a combinação de *você* com formas de 2ª pessoa era comum em fins do século XIX.

Os resultados obtidos, com base nas cartas oitocentistas, deixam transparecer o que será a norma brasileira dos novecentos, em que a “mistura de tratamento” ou o “voceamento” da língua transplantada, nos termos de Soto (2001), inauguram um quadro pronominal rico e complexo com variadas possibilidades combinatórias de *tu* e *você* com formas outras de segunda e de terceira pessoas.

## 8. Referências bibliográficas:

- Abraçado, Jussara (2000): “O possessivo seu – diferentes tipos de ambigüidade e de posse”. Em: *Gragoatá*, 9, p. 193-204.
- Avelar, Juanito O. (2003): “Estruturas com o verbo *ter*, preenchimento de sujeito e movimento em forma lógica”. Em: *Comunicação apresentada no III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro: ABRALIN/UFRJ, (s/p).
- Brown, Roger/ Gilman, Albert (1960): “The pronouns of Power and Solidarity”. Em: Sebeok, Thomas (ed.): *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, p.247-250.
- Bakhtin, Mikhail (1997): “Os gêneros discursivos”. Em: Bakhtin, Mikhail: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, p. 45-62.
- Cafezeiro, Edwaldo/Gadelha, Carmem (1996): *História do Teatro Brasileiro: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/EDUERJ/FUNARTE.
- Caricaburo, Norma (1997): *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arcos Libros/Cuadernos de Lengua Española.
- Cintra, Lindley F. (1972): *Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia (1993): “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. Em: Roberts, Ian/Kato, Mary (eds.): *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, p.107-128.
- (1995): *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.
- (1999): “Sociolinguística Paramétrica: perspectivas”. Em: Hora, Demerval da/Christiano, E. (orgs.): *Estudos Lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, p.107-114.
- (2003): “A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos”. Em: Paiva, Maria da Conceição/Duarte, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.): *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, p. 115-128.
- Faraco, Carlos Alberto (1996): “O tratamento você em português: uma abordagem histórica”. Em: *Fragmenta* 13, p. 51-82.
- Fontanella de Weinberg, Maria Beatriz (1999): “Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispánico”. Em: Bosque, Ignacio/Demonte, Violeta. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, p.1399-1426.
- Hopper, Paul (1991): “On some principles of grammaticization”. Em: Traugott, Elizabeth Closs/ Heine, Bernd. (eds.): *Approaches to grammaticalization, vol.1*, Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, p. 17-35.
- Jacob, Daniel/Kabatek, Johannes (eds.) (2001): *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Iberica. Descripción gramatical – pragmática histórica – metodología*. Frankfurt am Main; Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- Kabatek, Johannes (eds.): (2001): “¿Como investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos”. Em: Jacob, Daniel/Kabatek, Johannes (eds.): *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Iberica. Descripción gramatical – pragmática histórica – metodología*. Frankfurt am Main; Madrid: Vervuert/Iberoamericana, p. 97-132.

- Lavradio, Marquês (1769-1776): *Cartas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro (1978).
- Lopes, Célia Regina dos Santos (2005) (eds.) *A Norma Brasileira em Construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Pós-Graduação em Letras Vernáculas.
- (2003): *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana.
- /Machado, Ana Carolina Morito (org.) (2003): *Cartas da Família Ottoni aos netos 1879-1889: corpora diacrônicos PB (fac-símile)*. Rio de Janeiro: UFRJ/IBIC-CNPq. (versão preliminar em CD).
- /Duarte, Maria Eugénia Lamoglia (2003): “O tratamento em cartas escritas no Brasil: séculos XVIII e XIX” Em: *V Seminário do PHPB*, Ouro Preto: UFPO/UFMG, a sair.
- /Duarte, Maria Eugénia Lamoglia (2004): “De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas”. Em: Brandão, Sílvia Figueiredo/Mota, Maria Antonia (eds.): *Análise contrastiva de Variedades do Português: Primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio, p. 61-76.
- Marcotulio, Leonardo Lennertz (2004): “O fator social como condicionador das formas de tratamento no Brasil setecentista: análise de cartas do Marquês do Lavradio”. Em: *Comunicação apresentada na Jornada de Iniciação Científica*. Rio de Janeiro: UFRJ, mimeo.
- Menon, Odete da Silva. P. (1995): “O sistema pronominal do português”. Em: *Revista Letras*, (Curitiba), 44, p. 91-106.
- (1996): “Variação e mudança: o papel dos condicionamentos lingüísticos”. Em: *Fragmenta* 13, p. 89-113.
- (1997): “O sistema pronominal na região sul”. Em: *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*, p.510-512.
- /Loregian-Penkal, Loremi (2002): “Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil”. Em: Vandresen, Paulino (org.): *Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul*. Pelotas: Educat. p.147-188.
- Monteiro, José Lemos (1997): “O sistema pronominal na região nordeste”. Em: *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*, p. 513-515.
- Negrão, Esmeralda. V./Müller, Ana L. (1996): “As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas?”. Em: *D. E. L.T.A.*, 12,1, p.125-152.
- Ottoni, Christiano Benedito/Ottoni, Barbara Balbina. A. M. (1978): *Cartas aos netos*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça/Arquivo Nacional.
- Rumeu, Marcia Cristina de Britto (2004): *Para uma História do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: FL/UFRJ.
- Silva, Andreza/Barcia, Lucia Rosado (2002): “Vossa mercê, você, vós ou tu? A flutuação de formas em cartas cariocas dos séculos XVIII e XIX”. Em: *Ao Pé da Letra*, (Recife), 4,1, p. 21-30.

- (2002a): “O tratamento no teatro popular no Brasil e em Portugal dos séculos XVIII e XIX”. Em: *Comunicação apresentada no I Encontro do GEL*, São Paulo: USP (s/p).
- Silva, Antonio José da, “O Judeu” (1733): *Vida de D. Quixote, Esopaida e Guerras do Alecrim*, Notas de Liberto Cruz, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, (1975).
- Silva, Giselle M. de Oliveira (1996): “Estertores da forma *seu* na língua oral”. Em: Silva, Giselle M de Oliveira/ Scherre, Maria Pereira. (orgs.) (1996): *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Deptº. de Linguística e Filologia-UFRJ, p. 165-167.
- Silva, Vera Lúcia Paredes (2000): “A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX”. Em: *II Congresso Nacional da ABRALIN* (CD-rom).
- (2003): “O retorno do pronome *tu* à fala carioca”. Em: Roncarati, Cláudia/ Abraçado, Jussara (orgs.): *Português Brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 160-169.
- Soto, Ucy. M. S. (2001): *Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. Tese de Doutorado, Araraquara: UNESP.
- Wardhaugh, Ronald (1998): *An Introduction to Sociolinguistics*. Oxford/Massachusetts: Blackwell.